

## **As redes afro-asiáticas e suas interações culturais com os reinos ibéricos: marfins e mercadorias orientais no Brasil e no México – século XVIII**

*Jorge LÚZIO*<sup>1</sup>

### **Circulações em Nova Espanha**

Os estudos sobre as circularidades<sup>2</sup> e as dinâmicas de comércio e cultura no contexto político dos reinos ibéricos impulsionaram grande parte dos debates que a historiografia colonialista vem discutindo para repensar questões culturais na América lusa e hispânica<sup>3</sup>. Na dimensão dos circuitos marítimos e vínculos mercantilistas do expansionismo europeu – um dos as-

---

1 Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, é mestre em História pela mesma instituição. Membro do Laboratório de Interlocações com a Ásia – LIA FFLCH USP e do Grupo Outros Orientes EBA-UFRJ, com Lato Sensu em Cultura e Arte Barroca / UFOP-MG, especialização em Yoga / UniFMU-SP. Docente no Centro Universitário Assunção Unifai – São Paulo; [jorgeluzio@hotmail.com](mailto:jorgeluzio@hotmail.com)

2 De acordo com as abordagens de Russel-Wood (1992).

3 Cf. Gruzinski (2001).

pectos que caracterizam as relações de Portugal e Castela com as suas possessões ultramarinas –, torna-se elementar compreender que as rotas transoceânicas constituíram o quadro econômico que determinou muito do que artisticamente se consumiu e do que foi artesanalmente reproduzido nos espaços coloniais para atender as demandas das elites locais no fascínio pelo exótico e pelos produtos orientais, amplamente comercializados nas naus, nos portos e nas praças das cidades interligadas pelas chamadas *grandes navegações*, e destas para os principais centros urbanos das unidades coloniais.

Para os portugueses, foi, sem dúvidas, a Carreira da Índia – rota intercontinental que unia Lisboa ao sul da Índia e vice-versa do século XVI ao começo do XIX –, o principal caminho para os intercâmbios estabelecidos entre os espaços coloniais, haja vista o mercantilismo, a integração administrativa, o poder centralizador da Coroa e o trabalho missionário da conversão das almas, alguns dos fatores que alimentaram o Império português, nesse prisma compreendido como uma complexa rede comercial, detentora de uma infinidade de produtos e bens extraídos dos mercados sob o seu domínio, na América, na África e na Ásia.

No contexto hispânico encontra-se o *Galeão de Manila*, rota comercial que surgiu das pioneiras circunavegações dos espanhóis no Pacífico, como atesta Andrés de Urdaneta (1507-1568), navegador e religioso agostiniano, a quem fora atribuída a criação do roteiro marítimo de Cebu<sup>4</sup>, no sudeste asiático, à ilha de Guam, e desta para Acapulco, ligando o Oriente ao México. A viagem era feita pelas grandes naus ibéricas, entre elas os galeões

---

4 Nas Filipinas.

que designaram tal rota onde circularam objetos de arte<sup>5</sup>, porcelanas, sedas, especiarias e demais mercadorias orientais para a Nova Espanha<sup>6</sup> e, no sentido inverso, fez escoar a prata do México nos mercados asiáticos. Desse comércio floresceu a cidade de Manila como centro do domínio hispânico na Ásia, iniciado em 1565<sup>7</sup> com a chegada dos espanhóis que já encontraram naqueles arquipélagos vínculos comerciais consolidados entre mercados chineses e sultanatos em todo o sudeste asiático, do subcontinente indiano à Indonésia. Memije explica que:

La base comercial del continente americano hace posible el mantenimiento del archipiélago filipino. Sólo la contrapartida de la plata mexicana puede alimentar el tráfico de los productos orientales, que sustentan la vida económica de Filipinas, aun cuando arroje um déficit constante que debe ser suplido por el situado desde Nueva España. Estos galeones, pues, son para los americanos los que lês llevan los cargamentos de mercancías del Oriente. Para Filipinas son embarcaciones que traen pesos mexicanos y peruanos, que constituyen el criterio o medida de valor em su territorio. Los manifiestos de los galeones son um verdadero catálogo de productos orientales, que se llevan a México y Perú principalmente.<sup>8</sup> (MEMIJE, 1992, p. 96)

---

5 Cf. Durán (2005).

6 Cf. Bayón (1993).

7 Ver Manel Ollé i Rodríguez (Universidade de Barcelona) in “A inserção das Filipinas na Ásia Oriental (1565-1593)”, disponível em: <[http://www.upf.edu/grimse/\\_pdf/2\\_Ollex.pdf](http://www.upf.edu/grimse/_pdf/2_Ollex.pdf)>. Acesso em: ago. 2017.

8 Cf. Memije (1992, p. 96).

É, portanto, numa dimensão teórico-metodológica, importante reconhecer que as redes afro-asiáticas<sup>9</sup>, absorvidas pelos reinos ibéricos são responsáveis pelo grande volume de mercadorias que circularam no Brasil, na bacia platina e em portos importantes da América Latina, como México<sup>10</sup> e Peru. Assim como os empreendedores comerciantes lusos, os mercadores de Sevilla incentivaram o comércio do Galeão de Manila que, se proporcionou altíssimos lucros aos investidores espanhóis na apropriação das riquezas na Ásia e no México, favoreceu uma notável interação cultural de produtos, conceitos e padrões estéticos vigentes entre os séculos XVI e XVIII, o que incita uma investigação mais criteriosa sobre as relações intracoloniais<sup>11</sup> e intrainperiais<sup>12</sup> das monarquias ibéricas. Um exemplo claro dessas dinâmicas está na iconografia luso-oriental em marfim produzida nas oficinas das ordens religiosas e nos ateliês dos artesãos autóctones em Goa e Macau que criaram as representações cristãs de Jesus, de Maria e dos santos e santas católicos, para efeito de evangelização e, sobretudo, enquanto produto e obra de arte de grande apelo comercial na Europa. A circulação dessas esculturas, nas naus da Carreira da Índia e dos vínculos entre Macau e Cebu, nos galeões de Manila, influenciou a propagação de cultos

---

9 As rotas tiveram, na costa oriental africana banhada pelo Índico, a integração de África com os mercados asiáticos que, comercialmente vinculados, formavam uma ampla e intensa economia marítima.

10 Cf. Bailey (s/d).

11 No contexto português, as relações Brasil e Ásia, no hispânico Manila e México.

12 De acordo com Fabio Pesavento (2009), que classifica as redes de comércio interimperiais em três dimensões básicas de interação de redes: as transimperiais, para transações que envolveram diferentes impérios, podendo ser divididas em extra-imperial, que se dava entre dois impérios, e intrainperial que operava dentro dos limites de um império. Sobre as relações intracoloniais no Império português, tomando como exemplo Brasil e Índia, consultar Antony (2004).

religiosos e de uma produção artesanal de imagens como a do Menino Jesus Bom Pastor em marfim, que, se na Bahia oitocentista inspirou a obra-prima das religiosas do Recolhimento dos Humildes<sup>13</sup>, com o seu peculiar Senhor Deus Menino, no século XIX, teve o seu correspondente no Peru<sup>14</sup> no culto ao Menino Jesus de Huanca e no Menino Jesus Inca, representações disseminadas pelos jesuítas nos séculos XVII e XVIII, os quais em Lima receberam características das indumentárias indígenas locais.

Na bacia do Rio da Prata, na América do Sul, a Colônia do Sacramento<sup>15</sup> – no Uruguai (Província Cisplatina), possessão portuguesa – manteve intenso comércio com os hispânicos, localizados no vice-reinado do Rio da Prata, estabelecido em 1778<sup>16</sup>, na margem oposta do rio, que contribuiu para o acúmulo de bens na cidade de Buenos Aires, capital do vice-reino, configurando assim, como em Macau e Manila, as relações intrainimperiais entre lusos e castelhanos, e suas experiências comuns na absorção de padrões culturais do Oriente em seus espaços coloniais no Novo Mundo. Esses padrões também estão presentes na arquitetura colonial em igrejas com elementos estéticos orientais, como é o caso da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Embu das Artes, construção jesuítica da primeira metade do século XVIII, em São Paulo – permeada em sua sacristia de uma plástica orientalista e que traz um altar dedicado a São Francisco Xavier, o *apóstolo das Índias*. Também estão presentes na Igreja de Nossa Senhora do Ó em Sabará, Minas Gerais, do mesmo período, caracterizada pelas *chinoiseries*, e pela Igreja de Nossa Senhora da Glória, no Rio de Janeiro, do mesmo período que, segundo

---

13 Cf. Lúzio (2011).

14 Cf. Silva (2010).

15 Atualmente cidade turística e importante sítio arquitetônico na história do Uruguai.

16 Cf. Fausto e Devoto (2004).

Martins (2001, p. 93), “lembra mais um templo indiano do que a arquitetura barroca do Rio de Janeiro colonial”, haja vista as conexões com o Oriente evocadas no cotidiano<sup>17</sup> da capital carioca, o que nos sugere comparações e análises com as igrejas barrocas de vestígios orientais do México.

## **Produção artesanal e comércio no Império português**

As relações Ocidente e Oriente nas unidades coloniais ibéricas produziram ressonâncias em usos e costumes, com a incorporação de artefatos e ideias oriundos dos espaços coloniais afro-asiáticos visíveis em acervos brasileiros e latino-americanos referentes ao período colonial, com ênfase no século XVIII, o auge das vinculações comerciais, já que no século anterior tais vínculos apenas se desenvolveram e no século XIX enfrentaram o seu declínio em função da falência da Carreira da Índia e do fim do Galeão de Manila, quando da independência do México. Um forte comércio estabelecido com a movimentação das naus da Índia em calafetagens e reabastecimentos nos portos brasileiros foi o fator responsável pela disseminação dos produtos orientais nas principais cidades brasileiras. Por outro lado, de acordo com Ahmad (2002, p. 7) “é correto dizer, de um ponto de vista histórico, que a riqueza roubada da América Latina foi um componente financeiro essencial nos recursos que tornaram possível a colonização europeia da Índia”. É nessa polaridade que se situa um elo econômico determinante para o funcionamento do sistema colonial português, uma monarquia pluricontinental que se abastecia com os lucros das redes comerciais inter-

---

17 Ver Freyre (1981).

continentais do extenso empreendimento lusitano, e de um modo particular na organização da Companhia de Comércio do Estado da Índia.

O comércio consolidado nas redes dos têxteis indianos, que também atendia os mercados de Angola e Moçambique, a comercialização das especiarias, do tabaco, do açúcar e dos metais preciosos, além do rentável mercado de escravos africanos, e das rotas comerciais do marfim pelo Índico, tracejaram o percurso da economia indo-brasileira, num quadro de evoluções dos fluxos mercantis coloniais ao longo do século XVIII que foram ao encontro das etapas da emancipação da América portuguesa no primeiro quartel do século XIX. O dinamismo de um comércio interasiático possibilitou uma reavaliação da dimensão econômica entre o Brasil e Índia, com participação direta de mercados africanos durante o período de permanência da Coroa portuguesa no Brasil, principal componente da estrutura econômica do Império, em suas conexões políticas entre a metrópole e demais espaços do mosaico marítimo que foi o Império colonial português.

Do volume e diversidade de itens que fluíram nas redes deste comércio, inicialmente no porto da Bahia e do Rio de Janeiro, Lapa apresenta fontes para citar que

As mercadorias orientais que entravam no Brasil, principalmente através do porto do Salvador, apresentavam considerável variedade e atingiam cifras respeitáveis na balança comercial da Colônia, mesmo considerando globalmente o comércio do império português. Assim, é na nau *Santo Antônio e Justiça*, cuja carga arrolamos que dois anos antes da viagem, nos vai fornecer outro exemplo da variedade e volume de mercadorias desem-

barcadas na Bahia. Do livro da receita que resultou da dízima recaída sobre as referidas mercadorias foi possível relacionar, entre outras coisas, o seguinte material: figuras de barro; pratos e tigelas esmaltadas; mesas de louça dourada; aparelhos de chá; pratos de guardanapo; aparelhos de café; “covilhetes” de tampa; bules de barro; louça grossa de Macau; carpideiras pequenas de cobre esmaltadas; bengalas sem castão; chávenas com seus pires; frasqueiras; porcelanas diversas; pratos de cozinha; tabuleiros de charão; escrivaninha de louça; “cunhetes”; jarras atabacadas e esmaltadas; “inxoens” atabacados; escrivaninhas de metal esmaltado; cana da Índia com castão de ouro esmaltado; coroas de rezar de “Ambaque”; incenso; pimenta; chá; canela fina; figuras de leões; “bispotes”; cobertas de balagate; lenços de algodão; “gargarazes” finos da Costa; peças de “precalos”, cortes de vestia de meias; linhas; chitas; lenços de morim, colchas de cetim bordadas, forradas e franjadas; peças de linha de “Surrate”; peças de linha de Diu; peças de linha coromandéis; chitas de balagate; panos de cafre; chita da Costa; cetim bordado; panos de zuarte; peças de linhas cadeas; folhinhas; ramos de folhinha, chitas de Damão, etc. (LAPA, 2000, p. 272)

O eminente historiador comenta da dificuldade de avaliar o vulto da mercadoria procedente do Oriente que era colocada no Brasil, mas argumenta que o declínio do mercado das especiarias acentuou a aceitação das manufaturas orientais e cita um cronista do século XVIII que relata a penetração dos artigos orientais entrados em Salvador como o principal fator de ativação do seu comércio, processo idêntico “que os navios

da Índia despejavam nos demais portos brasileiros” (LAPA, 2000, p. 272-273). Os dados adquirem mais sustentação quando revelam

[...] a importação do salitre da Índia, que destinava à fabricação de pólvora na Bahia, pois o salitre das minas do sertão baiano era insuficiente para atender à demanda de pólvora de todo o Estado do Brasil, Angola e São Tomé. (LAPA, 2000, p. 282)

Notório observar que, da lista numerosa dos itens orientais, artigos do comércio árabe, elementos dos mercados africanos, produtos indianos, manufaturas chinesas, e artefatos de outras praças asiáticas, foram englobados por, além de Lapa (2000) e Freyre (1981), outros autores que permaneceram na visão de um Oriente homogêneo, sem as devidas particularidades e peculiaridades relativas a cada diferente contexto e cultura que as produziu, o que incorre na assertiva de Edward Said em apontar a percepção massificante do Ocidente ao generalizar distintas culturas e conceitos num único e restrito patamar de produção, que também implica limitar as discussões sobre identidade e memória dos, assim chamados, orientais.

Das culturas indianas, a diversidade é extensa e revela fusões dos dravídicos, autóctones do sul da Índia, com os indo-arianos do norte do subcontinente, e destes com os muçulmanos, presentes na Índia desde o século XI<sup>18</sup>, oriundos de regiões a oeste do vale do Indo e da Pérsia, e áreas correspondentes aos atuais Afeganistão, Iêmen e Turquia. Das populações africanas da costa oriental é considerável a presença dos bantos entre o predomínio

---

18 Cf. Ferro (1996).

dos swahilis<sup>19</sup>, povos afro-asiáticos de reinos afro-islâmicos localizados desde o norte de Moçambique ao sul do Sudão. O contraste se amplia se inseridos os diversos grupos árabes e os asiáticos do extremo Oriente, como chineses e indonésios. Na mesma esfera, os lusos radicados na Ásia, aculturados e circulantes nas rotas comerciais do Império, na manutenção dos seus cargos e negócios dissipados nas zonas periféricas intracoloniais.<sup>20</sup>

O comércio indo-brasileiro é então, um emaranhado de homens e mercadorias que transitaram nas redes afro-asiáticas interligadas ao Brasil, dispersando costumes e concepções. À medida que circulava, promovia interações que se fragmentaram ao longo dos seus extensos percursos, como é o caso das rotas com a Bahia e o Rio de Janeiro, numa trama de redes que absorveu um orientalismo já não mais do Oriente, mas luso-oriental<sup>21</sup>, com expressões específicas como a arte indo-portuguesa em marfim africano produzida em Goa, as faianças com motivos chineses – para citar algumas das inúmeras influências chinesas na arte colonial brasileira, ou os itens dos mercados árabes, sempre associados aos produtos da Índia.

O comércio indo-brasileiro promoveu a circulação de objetos, conceitos e bens oriundos dos diversos espaços coloniais do Oriente nos principais centros urbanos do Brasil colonial, inserindo uma cultura material afro-asiática e, de certo modo, o próprio Oriente que, num primeiro momento resultou numa concepção orientalista na descrição de um patrimônio brasileiro classificado como luso(-*afro*)-oriental<sup>22</sup>, condicionando-o a uma

---

19 Cf. Cabaço (2009, p 28).

20 Cf. Lopes (2006).

21 Cf. Dias (2008).

22 É pertinente observar as distintas variáveis geopolíticas, localizando o continente africano no cerne do debate.

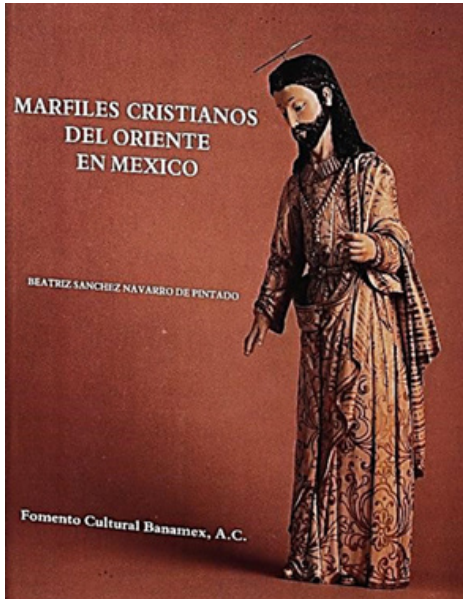
percepção reducionista, reforçando o orientalismo no discurso imperialista. Claro está que se trata de uma epistemologia eurocêntrica, todavia carente de novas análises e de releituras a partir de outras interpretações, como o criticismo pós-colonial<sup>23</sup> e o debate dos estudos subalternos da historiografia anglo-indiana.<sup>24</sup> No contexto hispânico, as rotas comerciais do Pacífico e as relações intrainperiais entre portugueses e castelhanos disseminaram o escoamento de mercadorias e padrões culturais do Oriente com evidências documentais no México, Peru e Argentina sobre os vínculos Ocidente/Oriente que se acomodaram e se recriaram no cotidiano das elites coloniais e das ordens religiosas, fenômeno compreensível até porque estas traziam em sua matriz cultural ibérica um componente oriental que sobreviveu como herança moura dos oito séculos da presença árabe na Península Ibérica, tão determinante quanto o mercantilismo, nas readequações e ressignificações dos orientalismos nos espaços coloniais dos reinos ibéricos.



Marfins de Goa – Coleção Mário de Andrade (Col. Artes Visuais, IEB – USP)  
Fonte: Batista (2004, p. 64).

23 Cf. Antonacci (2009).

24 Cf. Barbosa (s/d).



Marfins cristãos do Oriente no México  
Fonte: Pintado (1985).

## Referências

AHMAD, Aijaz. *Linhagens do Presente*. São Paulo: Boitempo, 2002.

ANTONACCI, Maria Antonieta. *Colonialidade e decolonialidade de corpos e saberes*. Pesquisa financiada pelo CNPq, no triênio 2005/2008. Versão apresentada no I Seminário Internacional Áfricas: historiografia e ensino de história, Salvador e Florianópolis, 2009.

ANTONY, Philomena Sequeira. *The Goa Bahia intra-colonial relations – 1675 / 1825*. Tellicherry: Irish, 2004.

BAILEY, Gauvin Alexander. *Art on the Jesuit missions in Asia and Latin America. 1542-1773*. Toronto: University of Toronto Press,

2001. [Ásia en las artes de la América Latina colonial. In: *Revelaciones: Las artes en América Latina, 1492 – 1820*. México: Fondo de Cultura Económica, s/d.]

BARBOSA, Muryatan. *A crítica pós-colonial no pensamento indiano contemporâneo*. São Paulo: NEACP (Núcleo de Estudos sobre África, Colonialidade e Cultura Política – DH- FFLCH -USP), s/d.

BATISTA, Marta Rossetti. *Coleção Mário de Andrade: Religião e Magia, Música e Dança, Cotidiano*. São Paulo: Imprensa Oficial / Edusp, 2004. (Série Uspiana Brasil 500 anos).

BAYÓN, Damián. *Pensar com los ojos: ensayos de arte latino americano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

CABAÇO, José L. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Unesp, 2009.

DIAS, Pedro. *História da arte portuguesa no mundo (1415-1822): o espaço do Índico*. Navarra: Círculo de Leitores, 2008.

DURÁN, Rosa Dopazo. *El Galeón de Manila: los objetos que llegaron de Oriente*. México. Castillo, 2005.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: 34, 2004.

FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências – séculos XIII a XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

FREYRE, Gilberto. Oriente e Ocidente. In: *Sobrados e Mucambos. Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1981.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A Bahia e a Carreira da Índia*. Campinas: Hucitec/Unicamp, 2000.

LOPES, Maria de Jesus dos M. O Império Oriental / 1660-1820. In: *Nova história da expansão portuguesa*. vol. V, tomos 1 e 2. Lisboa: Estampa, 2006.

LÚZIO, Jorge. *Sagrado Marfim*. O Império português na Índia e as relações intracoloniais Goa e Bahia, século XVII: iconografias, interfaces e circulações. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) - PUC/SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes*. O olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Zahar, 2001. MEMIJE, Antonio M. M. *América en Filipinas*. Madrid: Fundación Editorial Mapfre S. A. 1992.

PESAVENTO, Fabio. *Para além das fronteiras*: as redes trans, extra e intrainimperiais na segunda metade do século XVIII, Brasil, Portugal e Inglaterra. Tese (Doutorado) – PPGE-UFF, Niterói, 2009.

PINTADO, Beatriz Sánchez Navarro de. *Marfiles cristianos del Oriente em México*. Fomento Cultura Banamex, A.C, México, 1985.

RUSSEL-WOOD, A.J.R. *A world on the move*: The Portuguese in Africa, Asia and America. 1415-1808. Manchester: Carcanet/The Calouste Gulbenkian Foundation, 1992.

SILVA, Edjane C. R. *Menino Jesus do Monte*: arte e religiosidade na cidade de Santo Amaro da Purificação no século XIX. 2010.

As redes afro-asiáticas e suas interações culturais com os reinos ibéricos...

Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – UFBA, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

LÚZIO, Jorge. As redes afro-asiáticas e suas interações culturais com os reinos ibéricos: marfins e mercadorias orientais no Brasil e no México – século XVIII. In: SIMAS, Monica (Org.). *Estudos sobre Macau e outros orientes*. São Paulo: Paulistana, 2017. p. 53-67.